



revista Eptic

v. 28, n. 1, jan.-abr., 2026
ISSN: 1518-2487

A aliança entre finanças, tecnologia e militarização moldam a nova fase autoritária do neoliberalismo

La alianza entre las finanzas, la tecnología y la militarización está dando forma a la nueva fase autoritaria del neoliberalismo

The alliance between finance, technology, and militarization is shaping the new authoritarian phase of neoliberalism

Entrevista com Alfredo Saad-Filho

Por: Rodrigo Moreno Marques e Helena Martins

Alfredo Saad-Filho é formado em Economia pelas Universidades de Brasília (UNB) e de Londres (SOAS). Trabalhou em universidades e instituições de pesquisa no Brasil, no Canadá, no Japão, em Moçambique, na Suíça e no Reino Unido. Atualmente, é professor de Economia Política Internacional na Queen's University Belfast, no Reino Unido, e é uma das referências mundiais nos estudos sobre a teoria do valor-trabalho e suas aplicações, neoliberalismo, desenvolvimento e economia política latino-americana.

Nesta entrevista, ele condensa críticas à hipótese de vivenciarmos, hoje, um “tecnofeudalismo”. Em síntese, aponta que essa visão “vem de um foco excessivamente estreito na captura de valor, em vez da produção; da marginalização do trabalho, por causa de um fetichismo tecnológico muito forte; e de uma incapacidade de explicar a base da acumulação na economia contemporânea”. Partindo da compreensão de que a tecnologia está intrinsecamente ligada ao capitalismo, Saad-Filho aponta uma agenda de pesquisa voltada ao exame de “como o desenvolvimento tecnológico realmente ocorre, como as grandes empresas de tecnologia lucram e, mais recentemente, como os sistemas de IA funcionam, incluindo a sua dependência do trabalho humano na produção de equipamentos, no treinamento de dados, na manutenção e na supervisão”, capaz de mostrar a intensificação do neoliberalismo e a relação entre essa dinâmica e o que chama de financeirização militarizada.

Na palestra que você proferiu em setembro de 2025, no *Seminário Internacional Economia Política das Plataformas Digitais*, organizado pelo Obscom¹, você denunciou o fetichismo tecnológico daqueles que aceitam, sem questionar, a forma como essa indústria representa a si mesma. Afinal, que papel o capital investido na ‘nuvem’ e setores afins desempenha nas dinâmicas capitalistas contemporâneas?

O fetichismo tecnológico, hoje, é a compulsão de aceitar, sem questionar, a forma como a indústria de tecnologia representa a si mesma, ao invés de investigar como ela realmente existe e funciona. Três breves pontos sobre essa questão. Primeiro, o chamado ‘capital da nuvem’ é, por um lado, um subsetor específico do capital; ele fornece serviços digitais a outros capitais e consumidores. Mas esse é também um ramo do capital industrial, que produz mercadorias vendidas no mercado. Esse segundo aspecto frequentemente é perdido em análises fetichistas, que tratam esse tipo de capital como se fosse único e completamente diferente de todos os outros tipos de capital. Segundo, o *status* monopolista dos serviços na nuvem deriva dos investimentos em capital fixo muito elevados, que são dispendidos – necessariamente ou não, não é o caso discutir agora – para construir a infraestrutura física desse setor. Em termos analíticos, isso não é qualitativamente diferente da rede elétrica, transmissão de TV ou serviços telefônicos, apesar da indústria de tecnologia, mais uma vez, se apresentar como se fosse única e singular. Terceiro, essas características permitem que os provedores de nuvem obtenham lucros monopolistas, para além dos lucros normais, devido à sua capacidade de produzir com menores custos do que a concorrência, à falta de concorrência nos seus produtos específicos, em parte justamente devido aos vastos investimentos anteriores, e à demanda sistêmica combinada. Só para enfatizar, trata-se aqui principalmente de superlucros normais no contexto de investimentos e inovação tecnológica; não se trata fundamentalmente de rendas de monopólio.

¹ O seminário está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XHeV5WvZUHE>.

Por que estão equivocadas as abordagens de autores como Yanis Varoufakis e Cédric Durand que afirmam que, atualmente, estaria em curso um novo modo de produção tecnofeudalista?

Porque são abordagens fetichistas no sentido tecnológico que vimos acima. Essas questões sobre novos modos de produção, ou, ao contrário, se ainda vivemos no capitalismo, são importantes por duas razões: primeiro, para o nosso entendimento do contexto em que vivemos, e as implicações das mudanças no capitalismo contemporâneo, em particular a relação entre os desenvolvimentos tecnológicos mais recentes, e, no campo político, a ascensão de uma nova modalidade de fascismo. Segundo, para a análise das contradições e fragilidades do modo de produção e como elas podem orientar intervenções políticas de caráter progressista.

No período neoliberal, a partir dos anos 1980, a produção de mais-valia relativa foi marcada pelo processo de globalização e o desenvolvimento da microeletrônica no setor produtivo, e pelas chamadas tecnologias de informação e comunicação. No período recente, isso levanta duas questões específicas. Primeiro, uma questão intelectual: se a digitalização das informações, o processamento de dados em larga escala, a chamada "inteligência artificial" e outras inovações relacionadas à automação da produção impactaram a validade ou o funcionamento da lei do valor.

Por exemplo, tem sido argumentado que, na sociedade contemporânea, predomina a produção de mercadorias intensivas em conhecimento, e que a peculiaridade dessas mercadorias é que a produção delas condensa a maior parte do trabalho necessário na criação da primeira unidade, enquanto as unidades subsequentes são produtos de trabalho aplicado na replicação, com custos de reprodução próximos de zero.

Isso tornaria o consumo dessas mercadorias essencialmente "não rival", implicando que o seu valor não é governado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua reprodução, da forma tradicional. Nesse caso, a forma do valor seria imposta *externamente* a esses valores de uso, por meio de alguma forma de escassez artificial sustentada por mecanismos legais, especialmente direitos de propriedade intelectual. O caso típico é o software.

Isso levanta a segunda questão: o desenvolvimento tecnológico sob o capitalismo neoliberal está gerando um novo modo de produção? Duas das proposições mais conhecidas nesse sentido são a ideia do "Comunismo de Luxo Totalmente Automatizado", que sugere que o desenvolvimento tecnológico poderia abolir a escassez ao automatizar a produção, tornando o trabalho redundante. Uma hipótese, digamos, otimista, dada a nossa experiência recente, ou então, de forma mais pessimista, a hipótese "tecnofeudal", segundo a qual o desenvolvimento tecnológico estaria levando a uma transição do capitalismo para um modo de produção regressivo, chamado de "tecnofeudalismo". Nessa visão, as gigantes empresas de tecnologia adquiriram um poder semelhante ao dos senhores feudais, o excedente social assumiria a forma de renda em vez de mais-valia e as relações sociais se tornariam mais coercitivas e derivadas da privatização tanto dos dados quanto da infraestrutura digital.

Yanis Varoufakis, que em tempos mais felizes foi Ministro das Finanças da Grécia, é um dos principais autores associados a essa perspectiva. Ele enfatiza a mudança de poder para uma nova classe dominante que teria deslocado os capitalistas, e que agora detém o poder como senhores feudais. A principal evidência apresentada para apoiar essa hipótese seria o controle monopolista dessa classe sobre a infraestrutura da nuvem. Nessa análise, os donos da nuvem são senhores feudais, e a acumulação segue quatro canais principais: a extração de rendas pela prestação de serviços na nuvem; as rendas de "feudos digitais", como a Amazon, que extraem tributo dos lucros dos capitalistas; o trabalho não pago dos "servos da nuvem", que somos todos nós, e que pode ser chamado *prosumption*, *playbour* ou *behavioural surplus*; e o financiamento dos bancos centrais, particularmente via *quantitative easing*.

Varoufakis está correto em destacar a concentração e centralização do capital na economia digital. Mas, e isso é crucial, esses desenvolvimentos nas formas de concorrência e de troca não modificam diretamente, ou necessariamente, as relações de propriedade, o modo de existência e de reprodução social dos produtores diretos, o modo de extração do excedente ou as leis de movimento do sistema econômico. Nenhuma delas implica diretamente que estamos entrando em um novo modo de produção. Isso é questão de definição, e é elementar.

Cédric Durand oferece um argumento teoricamente mais rigoroso, mas que é substancialmente similar ao do Varoufakis. O principal acordo entre os dois é que a digitalização da economia e o avanço das tecnologias de informação levaram ao surgimento de ativos intangíveis ou informacionais, que facilitam especialmente a captura do valor como renda. Isso se deve a custos de reprodução quase nulos e à regulação da propriedade intelectual. Essas aberturas para acumulação contrastam com o declínio do capital produtivo na economia como um todo. Durand conclui não só que a renda substituiu o lucro como forma dominante da acumulação, mas também que a renda alimenta uma lógica autoritária de governo, que é possibilitada pela digitalização da governança. Conclui, assim, que isso mudou as bases do modo de produção.

Para Varoufakis, Durand e outros, a narrativa do tecnofeudalismo se baseia na oposição entre a criação de valor no capitalismo tradicional e a captura de valor em um modo de produção baseado na extração de renda. Isso implica que a análise essencialmente se reduz à afirmação de que a predação se tornou a lógica dominante do modo de produção, e, portanto, que a economia atual é feudal. Mas eles não explicam como a apropriação pode dominar a exploração, se a única fonte de valor é a produção capitalista. O ponto é que é inconsistente sugerir que o tecnofeudalismo é um modo de produção, que por definição deve ser autossustentável, se ele é ao mesmo tempo parasitário sobre a extração capitalista de mais-valia, e se os meios de produção permanecem concentrados nas mãos de uma classe capitalista, em vez de serem dispersos, como a terra no caso do feudalismo. Na minha opinião, o que o Cédric Durand está descrevendo não é um novo modo de produção, mas é uma luta entre capitais pela distribuição de valor, e esse tipo de predação digital é melhor descrita pelas categorias ordinárias de superioridade produtiva e poder de monopólio.

O problema central dessas afirmações sobre um novo modo de produção vem de um foco excessivamente estreito na captura de valor, em vez da produção; da marginalização do trabalho, por causa de um fetichismo tecnológico muito forte; e de uma incapacidade de explicar a base da acumulação na economia contemporânea.

É importante recentralizar o trabalho nesses debates e reafirmar a validade da teoria do valor-trabalho, examinando como o desenvolvimento tecnológico realmente ocorre, como as grandes empresas de tecnologia lucram e, mais recentemente, como os sistemas de IA funcionam, incluindo a sua dependência do trabalho humano na produção de equipamentos, nos dados de treinamento, na manutenção e na supervisão. Isso vai permitir ver como o capitalismo está embutido na tecnologia, e como a tecnologia está inserida nas relações sociais capitalistas, em vez de ser uma força transformadora externa. Isso também vai mostrar que a hipótese tecnofeudal se baseia nas aparências, que as empresas de tecnologia produzem mais-valia e contribuem para o fundo geral de lucros em vez de apenas extraírem renda, e que o desenvolvimento tecnológico e, em particular, a Inteligência Artificial intensificam uma modalidade neoliberal do capitalismo, profundamente inserida nos circuitos financeiros e cada vez mais vinculada ao militarismo.

Você tem defendido que, desde a crise financeira de 2007, estaríamos testemunhando o surgimento de uma *nova fase do neoliberalismo*. O que teria gerado essa metamorfose no neoliberalismo e como você caracteriza essa nova fase?

É sabido que os desenvolvimentos tecnológicos recentes têm contribuído para o aumento da desigualdade, o deslocamento de empregos devido à automação, e ao aumento da capacidade de monitoramento, vigilância e repressão por parte do Estado neoliberal. Esses não são desvios, mas sintomas de uma variedade específica do capitalismo neoliberal. O que eu estou sugerindo é que estamos testemunhando hoje o surgimento de uma terceira fase do capitalismo neoliberal.

A primeira fase, nas décadas de 1970 a 1990, foi a fase de transição ou de choque, na qual Estados do Norte e do Sul globais, do bloco soviético e do Leste Asiático adotaram o neoliberalismo como um novo sistema de acumulação, muitas vezes de forma violenta, seja via ditaduras, como no Chile ou na Turquia, ou nas democracias consolidadas, como os EUA e o Reino Unido.

A segunda fase durou aproximadamente da crise asiática de 1997 até a crise financeira de 2007-2008. Essa fase foi de estabilização, com a consolidação do aparato institucional neoliberal: bancos centrais independentes, regimes de metas de inflação, sistemas de bem-estar social focalizados, e assim por diante.

Desde 2007, entramos em uma nova fase. A crise financeira desestabilizou a economia global e deslegitimou o neoliberalismo, que prometia crescimento estável, baixa inflação e renda crescente – mas que falhou em todas essas frentes. A resposta política foi o autoritarismo, visando estabilizar o neoliberalismo pela força, já que ele perdeu a capacidade de comandar alguma forma de consenso da sociedade.

O que se seguiu, desde então, foi a evolução gradual de uma base material para o neoliberalismo autoritário, a partir da acumulação em um conjunto de áreas integradas: finanças, energia e extração de combustíveis fósseis, agronegócio, tecnologia e defesa. Podemos resumir isso chamando de *financeirização militarizada*, que une a lógica imperialista militarizada do Estado norte-americano com a tecnologia fornecida por grandes empresas privadas (Google, Microsoft, Amazon, Palantir, Nvidia etc.), levando a novas formas de guerra e gestão do império dos EUA. O que parece uma política errática de Donald Trump é, na verdade, o nascimento tentativo dessa nova fase.

Vivenciamos um momento da história de crises, guerras e toda sorte de expressões fascistas. Na sua visão, por que a atual crise sistêmica do modo de acumulação neoliberal traz dentro de si o germe de um novo tipo de fascismo que você tem chamado de 'fascismo neoliberal'?

Embora o neoliberalismo tenha consolidado, aprofundado e expandido o capitalismo globalmente, ele também minou muitas das capacidades dinâmicas do modo de produção e promoveu uma concentração dramática de renda, riqueza e poder, criando um sistema de acumulação financeirizado, parasitário sobre a natureza, os trabalhadores e os países periféricos, e cada vez mais militarizado.

A consequência é um perigo fascista dentro do neoliberalismo. Não porque o neoliberalismo seja inerentemente fascista, mas porque ele desestabiliza a economia; deslegitima a política; enfraquece as instituições públicas; impõe um pensamento único totalitário que não tolera dissidência; e sistematicamente ataca a esquerda, a organização coletiva e as alternativas não neoliberais com determinação absoluta. Ao fazer isso, o neoliberalismo cria uma sequência de crises econômicas e impasses políticos que ele não consegue resolver. Isso mina a sua própria legitimidade, ao mesmo tempo que destrói sistematicamente toda oposição progressista ou racional.

Em paralelo, o neoliberalismo absorve meios tecnológicos de vigilância que aumentam drasticamente a capacidade estatal de controle social, que é centralizado nos Estados Unidos. Esse é o processo de surgimento do que chamo de fascismo neoliberal.

Considerando que o conceito de fascismo se refere a um largo espectro de sistemas políticos, partidos e movimentos, o que caracterizaria esse fascismo neoliberal emergente em comparação com outras formas históricas de fascismo? E o que difere o fascismo neoliberal de outras vertentes (não fascistas) da extrema direita?

O fascismo neoliberal combina o compromisso com características-chave do neoliberalismo, no campo da economia e da ideologia, com traços distintivos do fascismo no domínio político, em particular uma ideologia de extrema-direita, incluindo a defesa intransigente do capitalismo, do individualismo, do etno nacionalismo, do racismo e da supremacia do cristianismo ocidental e do sionismo; uma forma política populista, com um líder supremo que não admite alternativa ou contradição; uma oposição sem mediação ou compromisso possível entre o bem perfeito e o mal absoluto; a mobilização permanente das massas e uma imposição violenta, via militarismo, agora nacionalizado pelo papel oficial das forças de segurança do Estado turbinadas pelas tecnologias contemporâneas, em contraste com a violência de rua desorganizada um século atrás.

Em termos mais gerais, a ideologia de extrema-direita pode ser associada a diferentes formas políticas, dependendo do sistema de acumulação e das circunstâncias de tempo e lugar. Estas podem incluir o governo pessoal autoritário, ditaduras militares, caudilhismo, bonapartismo, populismo e fascismo.

Todos os regimes autoritários de direita se concentram na desmobilização política e no desarmamento da organização de massas através da abolição das liberdades civis. Isto pode incluir a eliminação dos partidos políticos (possivelmente com a exceção de um único partido governamental, mas este é geralmente pequeno, e o âmbito da sua atividade é estritamente limitado); a intimidação da oposição através da repressão em massa; a intervenção, a neutralização ou (se possível) a eliminação dos sindicatos, associações comunitárias e outras formas de organização de massas. No entanto, como foi destacado por Robert Paxton, estes regimes geralmente aceitam limites ao poder estatal, normalmente mal definidos, mas reais, em favor de algum espaço privado para os indivíduos e corpos intermédios 'orgânicos', como lideranças locais, cartéis econômicos, famílias e igrejas.

Estas formas políticas são frequentemente mobilizadas em apoio ao governo de caráter personalista, sustentado pelo apoio de uma elite econômica ligada a configurações nacionalmente específicas de políticas 'liberais' e grupos com valores culturais, religiosos, econômicos e políticos conservadores. Neste caso, as mudanças na forma do Estado são simultaneamente oportunistas e incidentais.

É também importante notar que as ditaduras 'comuns' podem ser derrubadas por revoluções palacianas, golpes militares, resistência pacífica de massas ou revoltas populares, muitas vezes culminando em acordos entre elites e transferências de poder relativamente tranquilas. Os regimes fascistas são muito mais resilientes, porque os regimes fascistas são intrinsecamente totalitários. Eles impõem uma ordem constitucional que condiciona todas as instituições do regime, impedindo a mudança política pacífica e legitimando o terrorismo de Estado; tendem a manter uma base de apoio fanática; a sua natureza totalitária implica que a usurpação do Estado e da lei é mais abrangente; e o fascismo apela a uma 'essência' nacional familiar, por mais inventada que seja, que torna o regime inerentemente mais plausível do que as ditaduras 'comuns'. A sua remoção tende a seguir-se a uma derrota militar catastrófica ou a uma atividade revolucionária prolongada, mas o seu apoio residual tende a ser duradouro, em contraste com a obscuridade quase instantânea que cai sobre os ditadores 'comuns' assim que são removidos do poder.

Que contradições, limitações e vulnerabilidades do fascismo neoliberal podem ser exploradas por aqueles que defendem uma resistência democrática contra esse tipo de fascismo contemporâneo?

O fascismo neoliberal se beneficia dos pontos fortes do neoliberalismo e do fascismo, mas ele também traz as contradições de cada um deles, bem como tensões devidas à coexistência deles, que limitam a possibilidade de uma síntese estável entre neoliberalismo e fascismo, e que minam a possibilidade de um fascismo neoliberal estável.

Apenas como ilustração, um dos principais pilares da legitimidade do fascismo clássico era a sua capacidade de modernizar a economia e aumentar o emprego e a renda. Isso é impossível sob o neoliberalismo, devido às limitações macroeconômicas do sistema de acumulação, incluindo a difusão de regimes de metas de inflação, regras de deficit fiscal máximo, independência dos bancos centrais, e assim por diante, levando à criação de armadilhas de estagnação em um grande número de países neoliberais.

É por isso que, em tempos recentes, líderes políticos autoritários fazem campanha em torno do potencial do nacionalismo econômico mas, quando chegam ao poder, fazem muito pouco para transformar a base material do neoliberalismo. O problema é que a estagnação persistente e as crises econômicas recorrentes no neoliberalismo não podem ser resolvidas nem por novas rodadas de internacionalização da acumulação, nem por políticas nacionalistas, que são inviáveis na prática, com poucas exceções. Mesmo o chamado '*friendshoring*' liderado pelos EUA por razões de segurança nacional não inclui restrições significativas à financeirização, e oferece apenas uma alternativa limitada à globalização neoliberal; em vez disso, concentra-se principalmente em sistemas de provisão relacionados com defesa e tecnologia, no contexto da hostilidade dos EUA em relação à China, e a tentativa de travar o seu processo de desenvolvimento. A implicação é que, apesar da perda de legitimidade do neoliberalismo, ainda não há nenhum sistema de acumulação alternativo ao neoliberalismo no horizonte, mas as formas políticas associadas ao neoliberalismo têm mudado, mas em geral em direção ao fascismo.

Nesse meio-tempo, a estagnação econômica típica do neoliberalismo, as disfuncionalidades da financeirização e da internacionalização de capital, a desintegração das coletividades, a fragmentação da cidadania, e outras consequências negativas do neoliberalismo vão também travar o desenvolvimento do fascismo neoliberal. As implicações práticas disso serão descobertas no processo de luta contra essa forma política emergente.

A atual classe trabalhadora, complexa, fragmentada, heterogênea e marcada por acirradas contradições internas, parece ter menos condições de superar o fascismo neoliberal do que as classes que enfrentaram regimes como os de Hitler e Mussolini no século XX. Como você vê o papel de diferentes sujeitos históricos na luta pela superação do fascismo neoliberal no século XXI?

A principal restrição que vai limitar o crescimento do fascismo neoliberal não é nem a força da lei nem a eficiência dos serviços de segurança do Estado, que frequentemente acomodam ou são completamente penetrados pela extrema-direita em geral e pelo fascismo em particular. É, em vez disso, a resistência de massas contra políticos autoritários que abrem caminho para a extrema direita, e a resistência contra partidos e movimentos fascistas e de extrema direita que promovem as suas visões de mundo que promovem a divisão da sociedade e programas de governo reacionários.

Na maioria dos países, o consenso antifascista, agora residual, que veio do pós-guerra tem sido suficientemente forte para limitar o crescimento do fascismo neoliberal, ao revelar os seus laços com o fascismo histórico, a sua incompatibilidade com a cidadania universal, os valores republicanos e a democracia, e as implicações destrutivas da propaganda fascista. No entanto, a crise crescente do neoliberalismo, o eclipse da democracia neoliberal, a desvalorização da noção de verdade como fundamento do debate democrático, a incorporação da extrema direita no sistema político de um neoliberalismo decrépito e a legitimação ideológica da busca da vantagem individual (enquanto se culpam outras pessoas e grupos mais fracos por qualquer obstáculo à acumulação, qualquer falha sistêmica ou qualquer desilusão pessoal) enfraqueceram inquestionavelmente o campo democrático.

Esse campo foi ainda mais corroído pela ascensão de líderes populistas reacionários, trazendo a reboque forças políticas fascistas, cuja agenda destrutiva reforça a emergente ameaça totalitária do fascismo neoliberal. Em todos os casos, a única esperança e possibilidade real de resistência será através da construção da unidade, da igualdade, da solidariedade, e da cidadania comum – valores republicanos básicos mas que hoje, mais que nunca, são incorporados pela classe trabalhadora internacional.